

XINGU – UMA FLECHA NO CORAÇÃO: OS RITOS DOS POVOS JÊ.

Isuara S. S. de Oliveira^{1*} (IC)

Poliene Soares dos Santos Bicalho² (PQ)

(¹ Graduanda do curso de História - 3º ano Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas. isamorenahflor2012@hotmail.com,² Doutora em História Social pela Universidade de Brasília (UnB). Docente da Universidade Estadual de Goiás, Campus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, do curso de História e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado (TECCER/UEG). poliene.soares@hotmail.com.)

Resumo: O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido conjuntamente ao projeto “Vestimentas indígenas em Goiás: da pintura às plumagens”. O mesmo busca compreender como, entre vários grupos indígenas, a pintura e as plumárias podem expressar manifestações de arte que atingem níveis de significação corporal e simbólica, com as quais estabelece uma trama de significados sociais e religiosos. As pinturas, associadas aos ritos, transmitem aprendizagem e conhecimento. As pinturas e plumárias, que ocorrem mais no substrato corporal e menos através da prática oral, são essenciais para continuidade de uma tradição. Para tanto, consideramos ser necessário irmos além do sentido figurativo e adentrarmos o viés simbólico dos ritos e festas, também presentes nos rituais xamânicos. Neste recorte, a análise correspondeu ao Parque indígena do Xingu (PIX), pois o mesmo significa a delimitação de um espaço privilegiado e incontestável de proteção para as etnias que lá vivem.

Palavras-chave: Pinturas. Plumagens. Ritos. Mitos.

Introdução

O trabalho desenvolvido é uma proposta de análise das plumárias e pinturas corporais indígenas, tendo como eixo central o Parque Indígena do Xingu (**PIX**), devido à sua diversidade de etnias. Além de ser uma pesquisa analítica, é também uma reflexão sobre mitos, pinturas, indumentárias e suas relações com o sagrado, presente nos rituais indígenas.

Para tanto, embasou-se nas fontes de informações do Programa de Proteção do Instituto Socioambiental (**ISA**), no Parque do Xingu, que visa contribuir com o ordenamento da bacia do rio Xingu e desenvolve um conjunto de projetos voltados à proteção e sustentabilidade de 24 povos indígenas, incluindo as populações ribeirinhas que habitam a região. Localizado praticamente no centro geográfico brasileiro, o Parque Indígena do Xingu reúne 16 povos e é um símbolo da sociodiversidade brasileira.

Com seu território e população ameaçados pela frente colonizadora do País, a criação do Parque, em 1961, foi resultado de uma mobilização de personalidades brasileiras para delimitar um espaço reservado para os povos indígenas. Participantes da

expedição Roncador-Xingú (1945), desde o início os irmãos Villas Bôas, Orlando, Cláudio e Leonardo, acabaram se destacando e liderando trabalhos, incluindo frentes de contato com os povos indígenas da região. Hoje é praticamente impossível pensar na existência do Parque Indígena do Xingu (PIX) sem mencionar o sertanista Orlando Villas Bôas e seus irmãos, que foram os idealizadores do projeto.

Trata-se de um projeto concretizado pelo então presidente Jânio Quadros, visto como cartão de visita da política indigenista oficial durante muitos anos, o **PIX** localiza-se na região nordeste de Mato Grosso, na parte sul da Amazônia brasileira, e está totalmente inserido na bacia do rio Xingu.



Fonte: www.mpi.nl/dobes/projects/trumai-pt/geography. Acesso em 21.abr.2016

Material e Métodos

Como pesquisadora, ficou entendido o quão fundamental é compreender os significados dessas práticas ritualísticas a partir do viés indígena, observações que foram realizadas através das etnias dos **Yudjá e Waurá**. A forma dos objetos envoltos de significados místicos ultrapassam a barreira de um simples objeto ou utensílio funcional, pois demarcam diferenças e propiciam comunicação entre o cosmos do grupo e o seu imaginário. Percebemos, com frequência, que normalmente aquilo que em geral é escrito sobre as sociedades indígenas, as análises, interpretações e leituras feitas pelo não índio, tomam como ponto de partida nossos próprios referenciais de interpretação, nossos códigos de valores e critérios de avaliação, estruturados sobre princípios de nosso relacionamento ocidentalizado. Faz-se necessária essa visão do próprio índio para se compreender as diversas facetas existentes em suas pinturas e vestimentas, que estão relacionadas aos rituais de afirmação do mundo ritualístico.

Analisar a representação do ritual, associado às pinturas e plumagens corporais

dos Yudjá e Waura além da compreensão da importância desse elo com a terra, e dos materiais produzidos por eles próprios em aldeamentos, e que compõe os diversos elementos de pintura e vestuário, que, somado à associação das práticas ritualísticas, resultam na reafirmação de sua cultura; as reflexões sobre os mitos, que são aliados aos elementos da natureza; conhecer a iconografia bibliográfica da composição dos objetos da prática ritualística, tais como: sementes, penas de aves, tintas naturais.

Sistematizar as interpretações disponíveis relativos às pinturas e plumagens; e obter informações provenientes de pesquisas, para melhor compreensão quanto aos rituais como transmissores de informações para a própria cultura.

A pesquisa se baseou em revisões bibliográficas sobre pinturas e plumárias corporais e sua associação com os rituais de duas etnias do Parque Indígena do Xingu (PIX): **Yudjá e Waurá**. As imagens estão associadas às práticas ritualísticas que estas etnias detêm, pois são atividades intimamente relacionadas com a permanência e a condição de ser índio. Assim, cada grupo reserva para si pinturas e plumagens para ocasiões especiais e revela a qual grupo social o indivíduo pertence.

Foram realizadas, também, leituras e pesquisas em busca de informações sobre as pinturas e plumagens corporais associadas aos rituais. Ao final dessa pesquisa podemos destacar, como foco metodológico, as leituras e análises referenciais para o tema; além de análise de obras referentes e fichamentos sobre tema em questão. Foram priorizadas notícias atuais, especialmente do **Instituto Socioambiental (ISA)**, acerca da política indigenista, da violência sofrida pelos mesmos e das questões sociais, a fim de abranger todo o contexto pesquisado.

Resultados e Discussão

Dentro do Parque há 16 etnias pertencentes a vários troncos linguísticos e praticantes de rituais inerentes a sua cultura. Foi realizado um levantamento documental e bibliográfico, com análise de fontes do **ISA**, para atender a pesquisa; e, a partir do mesmo, foram selecionadas duas (2) etnias que vivem em aldeamento no Parque Indígena do Xingu, com representatividade e informações relevantes, do ponto de vista das indumentárias ritualísticas, e suficientes para viabilizar o trabalho.

Para entender o contexto da pesquisa e complementar o aspecto histórico,

entende-se a necessidade de compreensão do papel do Xamã. Segundo VIVEIROS DE CASTRO (1997), a palavra Xamanismo foi criada por antropólogos para definir um conjunto de crenças ancestrais, é algo que não se reduz a uma só definição, é religião, crença, ritual etc. Xamã parece derivar de “Çamam”, palavra empregada pelos Siberianos para designar os seus especialistas rituais, que podem ser pessoas da aldeia. Essas pessoas, em sonhos, encontram espíritos e trazem deles os cantos que serão executados mais tarde, na aldeia, quando o sonhador estiver desperto. Isso é xamanismo, essa especial constituição da realidade e de ética cosmológica.

O ritual xamânico pressupõe a presença de um sacerdote conhecido como Xamã, que estão presentes em festas e rituais ornamentados com pinturas e plumárias devidamente relacionada a cada ritual. A cultura xamânica abrange a práxis medicinal, mágica religiosa e filosófica. Seu exercício envolve atos de cura, estados de transe, e, no contexto indígena brasileiro, o pajé corresponde à imagem do Xamã. Os povos indígenas do Parque do Xingu reconhecem a multiplicidade de seres espirituais na vida dos humanos. Há uma profusão de espíritos, desde o de plantas, peixes, animais, estrelas, objetos e outros.

Para os índios, são os espíritos que causam a maioria das doenças, ao aparecerem para os humanos nas florestas. E são eles mesmos que ajudam os Xamãs a cura-los. Os espíritos são invisíveis, só aparecendo para os doentes e os Xamãs em transe, e surgem apenas em situações extraordinárias de doenças, xamanismo e ritual. Esse mesmo indivíduo, quando curado, fica em dívida com o espírito que causou a doença. Ele deve, então, patrocinar uma cerimônia em que homenageia o espírito por meio de danças, pinturas e adornos corporais. A prática de rituais faz parte do cotidiano das aldeias, pois são atividades intimamente relacionadas com a permanência da condição de ser gente na forma humana (VIVEIROS DE CASTRO, (1998) A primeira etnia, do Parque do Xingu, que foi observada foram os **YUDJÁ**, que é a autodenominação de um povo que sempre foi conhecido como **Juruna**. Durante um trabalho de pesquisa com ações desenvolvidas nas escolas do Parque, nos anos de 1990, e que deu muita ênfase às identidades étnicas e especificidades culturais, esse povo foi motivado a adotar a sua autodenominação, deixando o termo “**juruna**” para trás, que significava boca-preta em língua geral, por conta de uma tatuagem que esse povo usava quando seu território foi invadido.

Os **YUDJÁ** são referidos como habitantes das terras do vale do rio Xingu, o que se pode comprovar desde o século XVII, e carregam em seus rituais as famosas flautas mágicas, que fazem parte do cotidiano e do xamã do grupo. Os **YUDJÁ** falam uma língua do tronco Tupi e contam com uma população de 350 pessoas. Hoje vivem em diferentes

situações socioespaciais, desde aqueles que habitam a Terra indígena Paquicamba, aos que estão espalhados pelo beiradão, na volta grande do Xingu; e aos que moram na periferia da cidade de Altamira-Pa.

Recentemente os Yudjá deram início a um processo de externalização da identidade indígena, e realizam isso por meio de documentos e da oralidade acerca de sua história, ritos e manifestações artísticas, pinturas e plumagens, o que é objeto desse trabalho. A pesquisa revela a constituição de uma identidade multifacetada, que é impulsionada pelas diferentes realidades em que se encontram. Parte do saber cosmológico e da vida ritual desse povo depende, de modo crucial, dos Xamãs, e não existem mais Xamãs entre os Yudjá desde os anos de 1980. Assim, os Yudjá rocuram os serviços terapêuticos executados por outras duas etnias Xamãs Kayabi, e, mais raramente, Kamayura. Segundo a mitologia, os Yudjá possuem dois festivais de clarinetas (piri), festivais esses durante os quais são confeccionadas as flautas, na “casa das flautas”, com materiais encontrados na aldeia e que obedecem ao sistema clânico, momento do qual as mulheres não podem participar. Nesse festival são usados os adornos corporais que servem de distintivos étnicos; a plumária de pato colada nos cabelos e o botão vermelho colado no alto da testa feito de fiapinhos de tecido vermelho picotado. Esses festivais tem a mesma importância cosmológica dos rituais xamânicos e são dotados de grande valor social.

A segunda etnia observada, denominada **WAURÁ**, habita as proximidades da Lagoa Puyulaga, a qual se liga por um canal a margem direita do baixo curso do rio Batovi, um dos formadores do Xingu, no Estado do Mato Grosso, Brasil. Aproximadamente 263 pessoas residem em uma única aldeia circular com o sistema de praça central e casa das flautas. São falantes de uma língua Maipure, do tronco Arawak. Os Waurá contemporâneos são descendentes desses Arawak antigos, responsáveis pela formação da civilização das imensas aldeias circulares e fortificadas que surgiram na periferia meridional da Amazônia, entre os anos 1000 e 1450.

Embora os Waurá partilhem de um mesmo sistema sociocultural, e que é comum a todos os que habitam a região do Xingu, todos são etnicamente diferentes uns dos outros. Seja pela língua, pois no alto Xingu são faladas duas línguas do tronco arawak; duas da família Carib; e o trumai, que é uma língua isolada. Por causa da especialização se diferenciam no conhecimento de efetivas técnicas de fabricação de cerâmica e dos instrumentos musicais. Diferença de trançado dos arcos e dos adornos, e das pinturas corporais presentes em determinados rituais

Esta profunda e variada diferenciação linguística entre os povos xinguanos, todavia, não impede que haja entre eles eficientes mecanismos de comunicação, os quais ocorrem, acima de tudo, durante os rituais das comemorações dos casamentos, das trocas de artefatos, da pintura e ornamentação corporais, da feitiçaria e do xamanismo, (BARCELLOS, 1999). Os Waurá são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de suas cestarias, sua arte plumária e as máscaras rituais. Em seu aldeamento, há grande quantidade de matéria-prima para confecção de todo o aparato de pinturas e vestimentas plumárias, para a produção das máscaras e cocares, dos brincos com a plumagem de tucano e mutum. Além de sua riqueza material, esse povo possui uma complexa e fascinante mito-cosmologia, na qual os vínculos entre animais, a natureza, os humanos e os seres extra-humanos permeiam sua concepção de mundo e são cruciais nas práticas do xamanismo (GALVÃO, 1952).

LAGROU (2009) propõe um estudo de pinturas e plumárias associadas aos rituais, entendendo a necessidade de pensa-las a partir da lógica atribuída por eles próprios a diversos elementos, como: seres-objetos-indivíduos-figuras míticas atribuindo seu significado. Unindo as duas etnias, waurá e Yudjá que são povos do alto Xingu e participantes de um mesmo ritual, chamado de “Jawari”, que consiste em uma comemoração da morte de um velho campeão de competição. As duas aldeias se envolvem em um ritual de competição parecido com o da guerra. A decoração do corpo no Jawari é, para os padrões Xinguanos, desordenada e “carnavalesca”. A pintura preta dos olhos (feita com carvão) representa aves de rapina; a pintura do peito e dos braços representam cobras, insetos e peixes. (Instituto socioambiental - ISA).

Para as sociedades indígenas as pinturas e plumárias se aproximam, em termos conceituais, da indumentária. Neste sentido, o antropólogo europeu Lévi-Strauss afirma que “... As classificações indígenas são metódicas e baseadas em um saber teórico solidamente constituído.” (2012, p. 180) Em minhas leituras teóricas e bibliográficas, uma das considerações a que cheguei quanto ao conhecimento sobre **vestimentas indígenas** é que as mesmas estão associadas a artefatos e plumárias, que são aqueles objetos produzidos a partir das penas das aves, ou que possuam alguma pena em sua composição. LAGROU (2009) fala, baseada na antropologia da arte, sobre as relações sociais que envolvem o objeto; assim, esta autora não se remete à estética, e sim à intencionalidade dos objetos, pois o que está em jogo é a interpretação dos mesmos. Precisamos entender a ideia de corporalidade para entender Cosmologia, Corpos e Artefatos.

Os adornos e plumárias são muito mais que um objeto decorativo, é o reflexo das relações socioculturais expressos por meio da arte. É um símbolo detentor de significados.

Chegar perto de um indígena, de sua cultura, exige mudança radical de perspectiva. Entender a sua cultura e respeitá-los implica em ter que despirmo-nos de nossas próprias convicções de mundo e cultura. Porque o encontro com o indígena é um mergulho em outro espaço, em outro tempo. Nesse sentido, é possível entender, compreender e fruir a arte indígena e, para melhor conhecimento, considerar suas cosmologias e a organização dos seus mundos, LAGROU(2009).

Considerações Finais

No decorrer de um (01) ano de pesquisa, com o acompanhamento de cronograma e adequando-nos ao seu tempo, vários objetivos foram alcançados. As leituras realizadas de Novaes (1985), Lagrou (2009), Lévi-Strauss (2002), Ribeiro, entre outros, que propiciaram o enriquecimento temático; foi realizada a exposição do trabalho em dois importantes eventos – **II Seminário Internacional de História Medieval Moderna; e o II Sinasec - Saberes e Expressões Culturais do Cerrado** –, nos quais foram apresentadas vertentes do projeto, a fim de levar à comunidade mais ampla uma maior conscientização quanto à cultura e a sociedade indígena; além da realização do mapeamento das etnias, rituais e vestuário dos povos indígenas que vivem no Parque Indígena do Xingu; leitura sobre o tema: rituais e vestimentas indígenas etc.

O período percorrido, após a obtenção da bolsa de Iniciação Científica e tecnológica do programa PIBIC-UEG foram feitas leituras de vários livros, teses e dissertações referentes a pesquisa, como as leituras introdutórias sobre o tema e, principalmente, sobre as pinturas e plumárias associadas aos rituais e às cosmologias relativas a cada etnia. Procurei, ao longo do trabalho de pesquisa, mostrar que a experiência visual, ao produzir pinturas e desenhos, os adornos plumários exercem um grande valor reflexivo sobre a alteridade. Muito do que se pode apreender sobre a cosmologia Waurá e Yudjá reside no próprio prazer e interesse em organizar visualmente o seu mundo numa série de informações que só podem ser claramente acessadas através das pinturas e plumagens quando associadas aos ritos. Na plumária, é possível notar aspectos da cosmologia, pois, a maior parte dos adornos de plumária, atualmente, é usada pelos mais jovens, e, na medida em que a pessoa envelhece, menos ela o usa (DORTA; CURY, 2009). Ao mesmo tempo em que esses adornos estão, quase que em sua totalidade, relacionados aos rituais.

Algumas dessas pinturas e plumárias indicam como os seres humanos pensam seu lugar no mundo e como devem ser as suas relações com seus pares, pode-se dizer que o resultado dessa pesquisa delineou duas perspectivas: De um lado, o conhecimento

relativo à sabedoria tradicional indígena, no interior do seu próprio contexto cultural; de outro, a ressignificação de seus rituais, presentes em cada grupo, o qual se percebe ganho de identidade e de pertencimento. Deste modo, a pesquisa partiu do pressuposto de que os povos indígenas têm um grande conhecimento e respeito pelo planeta, incluindo, assim, nos seus rituais e vivências, os elementos da natureza.

Agradecimentos

Meus agradecimentos ao Programa de Iniciação científica da U.E.G., Por ter me concedido a bolsa de pesquisa, que nos possibilitou conhecimento de um tema tão rico e importante. A professora Orientadora Dr^o Poliene s. Bicalho, pela orientação e dedicação ao tema e á nós orientandos; aos colegas que em parceria chegamos ate aqui. Obrigada.

Referências

BARCELOS, Neto Aristóteles- 1999. **Arte, estética e cosmologia entre os índios waurá da Amazônia meridional**. Dissertação de mestrado em antropologia social. Universidade Federal de Santa Catarina UFSC.

DORTA, Sonia Ferraro; CURY, Marília Xavier. **A plumária indígena Brasileira**. Museu de arqueologia e etnologia da USP. São Paulo, 2000.

FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael. Org. **Os povos do Alto Xingu, História e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2001. 496 p. Capítulos 1,2,3,9,11 Dados.

NOVAES, Washington. **Xingu. Uma flecha no coração**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência Alteridade e relação**. 2009

GALVÃO, Eduardo. **Breve noticia sobre os povos juruna**. Revista: museu paulista, São Paulo, p. 41/422, 1952.

STRAUSS, Claude Lévi. **Antropologia cultural**. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. Cosacnaipy. 2012.

DURKHEIN, Émile. **Especificidades do objeto sociológico**. 1995, p 17

VIDAL, Lux. **Grafismo indígena**. Estudos de antropologia estética. Edusp. São Paulo. FAPESP, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo: 1977. **Indivíduo e sociedade no alto Xingu: os yalawapiti**. Dissertação de mestrado. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo: **A floresta de Cristal**. Cadernos de campo 14/15, 1998, pp. 319-338.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios**. São Paulo. Companhia das letras, 1996.

ISA. **INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL**, 2013. Acessado em: 17/03/2016.